



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**ATRAVESSANDO O OCEANO: A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL DE
REFERÊNCIA DEFINIDA NO PORTUGUÊS EUROPEU INSULAR**

Eduardo Patrick Rezende dos
Reis

Rio de Janeiro
2020

Eduardo Patrick Rezende dos Reis

**ATRAVESSANDO O OCEANO: A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL DE
REFERÊNCIA DEFINIDA NO PORTUGUÊS EUROPEU INSULAR**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Letras na habilitação Português /
Latim.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Eugênia Lammoglia Duarte

RIO DE JANEIRO

2020

CIP - Catalogação na Publicação

R467a Rezende dos Reis, Eduardo Patrick
ATRAVESSANDO O OCEANO: a expressão do sujeito
pronominal de referência definida no português
europeu insular / Eduardo Patrick Rezende dos Reis.
-- Rio de Janeiro, 2020.
47 f.

Orientadora: Maria Eugênia Lammoglia Duarte.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português - Latim,
2020.

1. Teoria de Princípios de Parâmetros. 2. Teoria
da Variação e Mudança. 3. Parâmetro do Sujeito Nulo.
4. Português Europeu Insular. I. Duarte, Maria
Eugênia Lammoglia, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu gostaria de agradecer à minha incrível orientadora Maria Eugênia Lammoglia Duarte: muito obrigado por tudo que tem feito por mim, sempre visando ao meu crescimento! Tenho muito orgulho de poder ser seu orientando! Você é minha inspiração!

Igualmente, agradeço à professora Juliana Esposito Marins, por, no primeiro período da graduação, ter acreditado naquele rapaz tímido, cujos olhos brilhavam durante suas aulas! Todo esse percurso começou graças a você. Nossa relação de orientador / orientando durou pouco, mas nosso contato é para toda a vida!

Agradeço aos professores Eliete Silveira, Carlos Alexandre e Silvia Cavalcante pelas excelentes aulas, que me proporcionaram momentos de intensa alegria! Agradeço também à professora Silvia Brandão, que me permitiu assistir ao (e me arrepiar com) seu curso como ouvinte!

Agradeço à Suelen Salles e à Jandira Barbosa - na época, minhas professoras de Fonética e Princípios de Análise Linguística, respectivamente, nas Faculdades Integradas Simonsen - por me mostrarem um mundo completamente novo, o encantador mundo da Linguística; e, sobretudo, por me incentivarem a ir para a UFRJ, ressaltando a minha, segundo elas, veia de pesquisador!

Agradeço à Márcia, minha amiga querida: você foi um grande presente que a UFRJ me deu! Obrigado por aguentar minhas inúmeras reclamações sobre os mais variados assuntos! Você é especial! Que a nossa amizade perpassasse as paredes da faculdade!

Agradeço à minha família por todo o suporte que tem me dado sempre que precisei. Eu não poderia ter nascido em uma família melhor! Vocês são o meu chão! Em especial, agradeço à minha avó, que, no auge dos seus 88 anos, continua a me encantar com suas lindas histórias de superação! Foi ela quem me ensinou o significado da palavra **gratidão**. Agradeço, também, aos meus tios Roberto e Solange, por me darem total apoio quando decidi, ao entrar na UFRJ, começar do “zero”. Igualmente, agradeço à minha mãe, por ser essa leoa, sempre preparada para defender os seus filhotes (e eu tenho um baita orgulho disso!). Não poderia deixar de agradecer à minha tia, que agora descansa em paz, por me ensinar a valorizar a minha vida! Por fim, agradeço ao meu pai, uma pessoa com um coração que não cabe dentro do peito, tamanha é a sua generosidade para com os

outros! A escolha de analisar a amostra de Funchal foi uma singela tentativa de homenageá-lo, bem como o lugar onde ele nasceu: a Ilha da Madeira!

Cada um de vocês participou da composição desta longa canção, que é a minha vida! Obrigado a todos por fazer com que o meu cantar não seja mais solitário!

*“Man, he took his time in the sun
Had a dream to understand
A single grain of sand
He gave birth to poetry
But one day’ll cease to be
Greet the last light of the library”*

(The Greatest Show on Earth,
por Tuomas Holopainen)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. TEORIA DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS E TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA: OS OPOSTOS SE ATRAEM... E DÃO CERTO!	10
1.1 Teoria Gerativa.....	10
1.2 Teoria da Variação e Mudança.....	13
1.3 Formalismo e Empirismo: o casamento que deu certo.....	15
2. PARÂMETRO DO SUJEITO NULO E O ESTATUTO DA CATEGORIA VAZIA: UM BREVE PERCURSO	16
3. METODOLOGIA DE ANÁLISE	21
3.1 A amostra.....	21
3.2 Os grupos de fatores.....	21
3.3 A hipótese.....	22
4. AO ATRAVESSARMOS O OCEANO, EIS O PORTUGUÊS EUROPEU INSULAR: ANÁLISE DOS RESULTADOS	23
4.1 Resultados Gerais.....	23
4.2 Olhando para a 3ª pessoa.....	26
4.2.1 O traço semântico e a hierarquia de referencialidade.....	27
4.2.2 O padrão sentencial.....	29
4.2.3 Comportamento do Indivíduo.....	33
4.2.4 A estrutura do CP.....	34
5. EM FAVOR DE UMA ESCALA DE PROTOTIPICIDADE	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

INTRODUÇÃO

Desde a década de 1970, têm sido realizados diversos trabalhos que tentam relacionar determinadas propriedades sintáticas à realização do sujeito pronominal nas línguas naturais, como o de Perlmutter (1972) e Kayne (1980). Em 1981, Chomsky, pautado em Taraldsen (1980), formula a primeira versão do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN), chamado de Parâmetro *pro-drop*, segundo o qual existem sistemas linguísticos capazes de licenciar a categoria vazia em estruturas canônicas e aqueles que não a licenciam. Em face dos refinamentos pelos quais a teoria gerativa passou e do notável aumento do número de línguas analisadas, o PSN inevitavelmente sofreu reformulações, chegando a propostas recentes desenvolvidas à luz do Programa Minimalista (PM) (CHOMSKY, 1995). Bebendo dessa fonte minimalista, temos a proposta de Roberts e Holmberg (2010), para os quais os sistemas [+SujeitoNulo] se subdividem em 4 grupos (cf. Seção 2): (a) línguas de sujeito nulo *consistente*, como o italiano; (b) línguas de sujeito nulo *radical*, como o japonês; (c) línguas de sujeito nulo *expletivo*, como o alemão; e (d) línguas de sujeito nulo *parcial*, como o finlandês. Em relação ao Português Brasileiro (PB), a literatura especializada tem apontado que essa variedade está a se comportar como uma língua de sujeito nulo (LSN) *parcial*, como o finlandês e o marathi, distanciando-se, pois, das línguas irmãs do grupo românico, enquanto o Português Europeu (PE) é considerado uma LSN *consistente*.

Dentre os trabalhos empíricos, destacam-se os estudos empreendidos por Duarte, para quem o PB, em face da redução do seu paradigma flexional verbal, atestada empiricamente na análise diacrônica de peças de teatro (DUARTE, 1993) e sincronicamente em análise da fala carioca gravada em 1992 (DUARTE, 1995), estaria em um processo de remarcação do valor do PSN, de positivo para negativo. Mais recentemente, com base em amostras gravadas entre 2009 e 2010, temos o trabalho de Duarte (2019), que apresenta uma análise contrastiva entre o PE continental – PEC – (Oeiras e Cacém) e o PB (Nova Iguaçu e Copacabana), obtendo índices percentuais gerais de 64% de sujeitos nulos para a variedade europeia e 24% para a brasileira. Tais resultados corroboram trabalhos precedentes, como o de Barbosa, Duarte e Kato (2005) e Duarte, Mourão e Santos (2012), confirmando o estatuto do PE como sistema [+SujeitoNulo] e atestando, no PB, o avanço da mudança em direção aos sujeitos expressos, sem apresentar a estabilidade relacionada às LSN *parciais*¹ (BIBERAUER, 2010).

¹ Para Duarte (2019), tal rótulo e classificação são discutíveis, uma vez que passam a falsa impressão de que o PB já configuraria um sistema estável. Como comentado anteriormente, Duarte (2019) atesta um efetivo avanço da

Havia, entretanto, uma variedade lusitana, falada em uma região externa ao território continental português, que carecia de investigação: a de Funchal, capital Ilha da Madeira. A cidade de Funchal é aquela que, fora do âmbito continental, apresenta o maior número de habitantes, compondo o grupo das 7 cidades com a população acima dos 100.000 habitantes. No que tange ao contexto histórico, Bazenga (2018) comenta que não só Funchal como toda a Ilha da Madeira foram alvos de grande fluxo migratório de escravos, motivo este que parece ter compactuado para a formação de micro comunidades em diversas regiões da ilha. No que diz respeito ao contexto socioeconômico, parece que há, em Funchal, uma clara segmentação: a população rural, em busca de melhores condições de vida, costuma optar por viver na cidade, alocando-se nas regiões periféricas limítrofes, situadas a leste e a oeste da cidade. Por outro lado, os centros urbanos são pontos de grande fluxo de turistas, o que faz com que sejam lugares com grande movimento da economia. Assim, são atestados (pelo menos) dois grandes grupos na estratificação social de Funchal: os que vivem nos arredores da cidade, exercendo atividades agrícolas de subsistência; e os que vivem nos centros urbanos, inseridos no setor terciário, especificamente no turismo e na hotelaria, ou no setor secundário, com as indústrias de construção civil etc.

A respeito da realidade linguística de Funchal, trabalhos sobre o tema só começaram a surgir após a constituição da amostra Concordância, da qual se valeram. Dentre eles, temos o de Bazenga (2019), que, ao retomar resultados de investigações empreendidas desde a composição da referida amostra, revela traços deveras interessantes da variedade insular. Em seu texto, a autora apresenta 4 fenômenos morfossintáticos: (a) a realização variável da concordância verbal de 3ª pessoa do plural; (b) a variação entre *nós* e *a gente*; (c) a variação entre *ter* e *haver* em estruturas existenciais; e (d) a realização variável do objeto direto anafórico. Após uma breve exposição dos resultados, a autora conclui que é possível identificar duas variedades em Funchal. A primeira está associada à elite, cuja tendência é a de usar as formas ensinadas pela escola; a segunda, àqueles cujo uso se afasta dessa norma.

Desse modo, Bazenga atribui ao nível de escolaridade a variação observada nos fenômenos supracitados. Por divergirem do que ocorre na variedade portuguesa falada no continente, os resultados para dois deles nos saltam aos olhos, chamando bastante a nossa

mudança, com a diminuição no índice geral de sujeitos nulos em comparação com o resultado encontrado em sua tese (DUARTE, 1995), de 29% para 24%. Tal resultado, a partir de amostras da fala atuais, nos cede subsídios para acreditarmos que, no futuro, o índice de sujeitos nulos diminuirá ainda mais. Assim, considerar o PB como um sistema de sujeitos nulos parcial seria negar a propagação da mudança nos dados da *Língua-E*, mostrada em trabalhos sobre o tema.

atenção², a saber: a variação entre o *ter* e *haver* e a realização do objeto direto anafórico. Em relação ao primeiro, foi atestado que 44% das estruturas com o verbo “ter” eram produzidos por informantes que tinham até o ensino fundamental; contudo, esse índice cai drasticamente com o aumento da escolaridade, e chega a 12% de ocorrência nos informantes com o ensino superior. Vale ressaltar que, no português falado no continente europeu, o verbo *ter* evoca apenas a ideia de posse; não é usado, pois, com o valor existencial. Os resultados para a realização do objeto direto anafórico, que contemplam falantes entre 56 e 75 anos, são ainda mais surpreendentes, e revelam que a estratégia mais utilizada pelos entrevistados menos escolarizados é a repetição lexical³, seguida da retomada pela categoria vazia, com 36% e 33%, respectivamente; as estratégias menos produtivas são a retomada pelo clítico dativo *lhe* e pelo clítico acusativo, com índices de 2,8% e 5,6%, respectivamente. Tal quadro, nos mais escolarizados, é diferente: a retomada pela categoria vazia é a estratégia mais produtiva, com taxa de 50%, seguida da repetição lexical e do clítico acusativo, ambas as variantes com 25% cada. É interessante observar a atuação da escola no considerável aumento do uso da variante padrão.

Diante do que foi exposto, esta monografia tem como objetivo estender a análise da expressão do sujeito pronominal de **referência definida** à variedade de Funchal, aqui chamada de Português Europeu Insular (PEI), assumindo como arcabouço teórico a associação entre a Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981; e trabalhos subsequentes) e da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 1968), associação a partir da qual foram levantados a hipótese e os grupos de fatores. Tal como o PEC, a variedade insular apresenta um paradigma flexional verbal com 5 marcas distintivas (<-o>, <-s>, <-mos>, <-m> e <-Ø>), o que nos motivou a levantar a nossa hipótese: a de que PEI exibirá elevadas taxas de sujeitos nulos, igualmente à variedade continental, cujo preenchimento do sujeito se dá por razões funcionais; em contrapartida, ambas as variedades europeias se opõem ao PB, que já apresenta índices percentuais de categorias vazias bem baixos nas três pessoas do discurso e em todos os contextos estruturais que caracterizam um sistema [+SujeitoNulo]. Para além de nossa hipótese, perguntamo-nos também como será o comportamento do grupo de fatores *nível de escolaridade* no fenômeno aqui analisado, frente à sua importância nos fenômenos investigados por Bazenga.

² Bazenga mostra que o índice de manifestação da marca de concordância de 3ª pessoa do plural aumenta com a escolaridade, bem como o índice da utilização do *nós* em detrimento da forma *a gente*, o que já era esperado.

³ A repetição lexical consiste na utilização do mesmo DP tomado como antecedente, como em “Eu queria [aquela blusa]_i, então comprei [aquela blusa]_i”. Todavia, indagamo-nos se essa estratégia configura, de fato, uma variante como as outras.

Finalmente, apesar de não acreditarmos que o PEI esteja passando por uma remarcação paramétrica, utilizamos essa associação teórica visando a demonstrar que os condicionamentos que atuam no apagamento do sujeito nessa variedade sejam os mesmos, ou, pelo menos, similares aos atestados no PEC e no PB, como bem mostra a análise comparativa de Duarte (2019). Isso reforça a importância da utilização da metodologia variacionista, sobretudo no que diz respeito à análise dos pesos relativos, que permite constatar a força de fatores linguísticos e sociais que favorecem e inibem um determinado fenômeno, o que acaba por gerar estudos linguísticos, no âmbito da sintaxe comparativa, bastante reveladores.

Esta monografia está organizada da seguinte forma: na seção subsequente, apontamos, de forma breve, os pressupostos basilares da Teoria Gerativa, caminhando pelos seus principais momentos, porém com destaque para a sua versão de 1981, a Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), por ser esta a versão de que efetivamente nos valem, assim como apontamos os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 1968); em seguida, apresentamos as vantagens da associação entre essas duas teorias em uma pesquisa linguística; na seção 2, traçamos o percurso que o PSN tem seguido, desde sua formulação, à luz do modelo de Princípios e Parâmetros, primeiramente proposto em 1981, e desenvolvido em propostas que se alicerçam, desde os anos 1990, dentro do PM (cf. BIEBERAUER et al (2010)); na sequência, temos a seção Metodologia, na qual descrevo a amostra analisada, bem como o tratamento que lhe foi dado; na seção 4, apresentamos a análise quantitativa e qualitativa dos dados com sujeitos de referência definida do PE insular; na seção 5, comparamos o índice do PEI com os de outros sistemas [+SujeitoNulo] do grupo românico, a partir dos estudos de Marins (2009), Soares da Silva (2011) e Duarte e Soares da Silva (2016); finalmente, tecemos algumas considerações sobre os resultados deste trabalho.

1. TEORIA DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS E TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA: OS OPOSTOS SE ATRAEM... E DÃO CERTO!

1.1. Teoria Gerativa

Um dos postulados do modelo gerativista é o de que a mente é dividida em módulos, a *hipótese da modularidade da mente*, cada um deles apresentando uma determinada função. Dentre tais módulos, codificada no genoma humano, está a faculdade da linguagem, que possibilita a todo ser humano adquirir uma língua e se comunicar por meio dela, e cujo estágio

inicial Chomsky denominou de Gramática Universal (GU). A Teoria Gerativa, em sua versão *Padrão* (CHOMSKY, 1965), entendia a língua como um sistema de regras de *reescritura categorial e transformacionais*, a serem analisadas e descritas, o que resultava em uma abordagem com grande eficácia na *adequação descritiva* (CHOMSKY, 1964), porém com uma clara deficiência no poder explanatório, motivo pelo qual se tornou alvo de inúmeras críticas.

Com a atualização para o modelo *Padrão Estendido* (CHOMSKY, 1975), visava-se à diminuição da força descritiva e expressiva, a fim de conceder à teoria um caráter mais generalizante e explicativo. A língua, neste modelo, é vista como um sistema de regras e de princípios. Segundo Raposo (1992), “a gramática contém um número distinto e autônomo de componentes, cada uma delas com uma organização própria caracterizada por um pequeno número de regras e por princípios que restringem a aplicação dessas regras.”

Em 1981, Chomsky propõe a Teoria de Princípios e Parâmetros (TP&P), termo preferido por ele mesmo mas referido inicialmente como Teoria da Regência e Ligação, que remetia ao título do livro lançado no mesmo ano. Nessa formulação, o autor prima por investigar e apreender os princípios universais, propriedades comuns a todas as línguas, e as propriedades sintáticas particulares de cada sistema. Assim, advoga que a GU é composta de princípios universais rígidos, invariáveis, que regem as línguas naturais, ou simplesmente *Princípios*, e princípios variáveis, ainda não formatados e de caráter binário, chamados de *Parâmetros*.

Além disso, a TP&P também inova ao trazer um interessante tratamento à aquisição da linguagem⁴. Segundo Chomsky, para que as características idiossincráticas de uma determinada língua sejam adquiridas, é preciso que o indivíduo esteja exposto aos *dados linguísticos primários* desse sistema, dentro de um determinado período, o *período crítico*. A partir do momento em que o falante entra em contato com o *input linguístico*, ele passará por diversos estados mentais, estruturando e reestruturando esse conhecimento tácito, até chegar a um estado mental estável, denominado de *Língua I*, ou competência linguística, que será instanciada pela *Língua E*, ou desempenho. Ainda sobre a *Língua I*, Chomsky defende que constitui um conhecimento interno, individual e intensional: ele é interno e individual por ser um

⁴ Apesar de não ter sido tema principal nas abordagens anteriores à de P&P, a aquisição da linguagem vem sendo posta em pauta desde o modelo *Padrão* e o modelo *Padrão Estendido*. No primeiro, compreende-se que a criança desenvolve sua gramática ao construir hipóteses a partir dos dados com os quais entra em contato. Na versão subsequente, manteve-se a ideia da criança como, nas palavras de Raposo (1992), um “pequeno-cientista”; e é adicionada a ela a tese de que, por haver um conjunto de princípios e condições da Gramática Universal, haveria uma drástica diminuição no número de hipóteses acessíveis pela criança no período de aquisição.

conhecimento internalizado na mente de cada falante; ele é intensional por ser um dispositivo que apresenta efetivamente todo “maquinário” preparado para gerar produtos (derivações).

Graças a esse modelo, tem-se, finalmente, um arcabouço teórico capaz de satisfazer a *adequação explicativa* sobre a qual Chomsky fala em seu texto *Current issues in linguistic theory* (CHOMSKY, 1964), permitindo relacionar universais e variáveis linguísticos, o que culmina na limitação do número de gramáticas possível. Assume, ainda, que, para teoria da linguagem, os olhos devem estar voltados para a chamada *competência gramatical*⁵ do falante, em detrimento do *desempenho linguístico*, em virtude de este sofrer influência de outros sistemas cognitivos, como o da percepção e o da memória; aponta também que a função primordial da linguagem é a de organizar os pensamentos (cf. RAPOSO, 1992).

Com o advento do Programa Minimalista (PM) (CHOMSKY, 1995)⁶, atualizou-se o quadro teórico a partir de uma minuciosa revisão teórico-conceitual do modelo precedente. Essa abordagem defende a efetiva exclusão de dois níveis de representação de grande importância na versão anterior, a *Estrutura Profunda* (EP)⁷ e *Estrutura Superficial* (ES), em função de, segundo Chomsky, não serem conceitualmente motivados; os níveis, de fato, relevantes seriam os chamados níveis de interface, *Forma Lógica* e *Forma Fonética*, uma vez que se entende que um sistema linguístico é composto de forma e conteúdo. Assim, subteorias que estavam presentes no modelo de P&P de 1981 e que atuavam na EP e na ES, como a Teoria X-Barra e o Critério *Theta*, foram deixadas de lado.

É nessa formulação, então, que se concebe a derivação das representações como uma operação em que atuam a *condição de economia* e a *condição de legibilidade*, o *Princípio da Interpretação Plena*: a primeira condição se refere à tese de que devemos, ao descrever e explicar o processo derivacional, optar por “caminhos” mais simples, minimalistas, o que gera, assim, uma computação considerada “ótima”; a segunda, por sua vez, prevê que as configurações sintáticas, para convergirem, devem obedecer às imposições cognitivas advindas

⁵ Chomsky (1980) comenta sobre a existência de uma *competência pragmática*; contudo, tal como o *desempenho linguístico*, também não a contempla no desenvolvimento de uma teoria da linguagem.

⁶ O Programa Minimalista não é uma teoria, mas sim “um conjunto de diretrizes para se formular teorias/modelos mais genuinamente explicativos” (GUIMARÃES, 2017).

⁷ Chomsky (1993) traz à tona uma interessante discussão sobre a relevância desse nível representacional, ilustrando com as construções adjetivais complexas, que apresentam a possibilidade de alçamento do argumento interno da encaixada para a posição de sujeito da matriz, como em “Arroz é difícil de fazer”: uma vez que “arroz” é gerado na posição de complemento do predicador “fazer”, esse argumento está em uma posição temática e recebe caso acusativo. Não haveria, portanto, motivações para seu movimento para a posição de Spec, de TP, que se dá em função da necessidade de todo DP com matriz fonológica apresentar caso. Se, por sua vez, “arroz” fosse gerado na posição de sujeito da oração matriz, violaria o critério-*theta*, pois estaria em uma posição não argumental. Essas construções criavam, assim, problemas teóricos à postulação de uma EP, motivando assim seu abandono.

dos sistemas de interface, o sistema articulatório-perceptual e o sistema conceitual-intencional, para que tais derivações possam ser interpretadas por eles.

Dessa forma, verifica-se que as modificações estabelecidas pela revisão conceitual no PM promovem um modelo de gramática que deixa de centralizar a questão representacional, até então bem forte na TP&P, fazendo com que haja um enfoque na derivação das construções, em face de explorar, mais detalhadamente, as nuances das operações computacionais. Além disso, esta versão assume que as características idiossincráticas de cada sistema linguístico se configuram como traços morfológicos⁸, presentes nos núcleos dos itens funcionais que constituem o *Léxico*, a *conjectura Borer-Chomsky* (BAKER, 2008). É a partir dessa visão que se fortalece a ideia de que, na verdade, não teríamos um único Parâmetro, com respectivas propriedades a serem observadas na sintaxe aberta, mas sim Parâmetros (macro e microparâmetros), que estariam organizados hierarquicamente e atrelados a um determinado traço funcional. Segundo D'Alessandro (2014), essa abordagem tem a vantagem de ser mais flexível do que a visão clássica de Parâmetros além de ter maior alcance empírico; contudo, ressalta que há um limite para essa concepção no que tange a não estar claro como e sob quais condições os feixes de microparâmetros se realizam.

Por outro lado, as operações do *Sistema Computacional*, como o *Merge* (concatenar) e, em última instância (*Last Resort*), o *Move* (mover), seriam comuns a todas as línguas. Aliás, o comando *Move* deixa de estar vinculado à movimentação de radicais de verbos para se adjungirem às suas desinências e de DPs a fim de ganharem *Caso*, como se observa no modelo da Regência e da Ligação, e passa a figurar como uma operação cuja finalidade é a de checagem / valoração de traços não interpretáveis, operação esta chamada de *Agree*, que especifica tais traços e logo após os apaga. Chomsky (1995, 2001) entende que os traços não interpretáveis saem do *Léxico* sem valor especificado, diferentemente dos interpretáveis, cuja especificação está codificada nos itens por todo o percurso.

1.2 A Teoria da Variação e Mudança

Em *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (2006 [1968]), Weinreich, Labov e Herzog percorrem cuidadosamente importantes momentos do fazer linguístico até os anos 1960, examinando e criticando, sobretudo, os modelos formalistas (estruturalismo e gerativismo), por estes entenderem a língua como um sistema de natureza

⁸ Como exemplo de traços funcionais, podemos citar os traços-*phi*, os de *Caso* e o EPP.

homogênea, o que desvincula, de qualquer análise, as possíveis variações nela presentes; em outras palavras, esses modelos, por distintas razões, deixam de lado a variabilidade linguística e, conseqüentemente, a mudança.

Ao longo do minucioso ensaio, os autores tentam quebrar esse paradigma muito defendido até então, advogando que a mudança linguística é inerente a toda língua. Desse modo, procuraram depreender os princípios que regem a mudança. Para tanto, exibem determinados preceitos fundados em investigações empíricas, que estariam relacionados à natureza da variação e da mudança linguística. Um desses preceitos é o de que a língua apresenta, na verdade, uma *heterogeneidade ordenada*, uma vez que, mesmo em constante mudança, continua capaz de servir de “código” por meio do qual seus falantes se comunicam. Além disso, consideram que a gramática a ser posta em análise é a da *comunidade de fala*, entendendo que “as estruturas variáveis contidas nas línguas são determinadas por funções sociais” (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006:126 [1968]). Os autores formularam, então, cinco questões a serem respondidas ao efetuar uma investigação com o olhar voltado para a mudança linguística:

- (a) *fatores condicionantes* → Quais são os contextos linguísticos e sociais que condicionam e restringem determinada variante?
- (b) *implementação* → Qual é a origem da mudança e como se dá a sua propagação?
- (c) *encaixamento* → Como o sistema linguístico se adapta à mudança? Como o sistema linguístico reflete a mudança? Quais os seus desdobramentos ou “efeitos colaterais”?
- (d) *transição* → Como se dá a substituição de uma forma por outra? Quais são as etapas por que a mudança linguística passa – seja no tempo real, seja no tempo “aparente”?
- (e) *avaliação* → Como a comunidade de fala reage à variante que entrou no sistema?

Em suma, o que os autores defendem é o abandono da dicotomia – sincronia / diacronia: para eles, todo sistema linguístico está em constante evolução; lamentam que o estudo da mudança tenha ficado de lado durante o século 20⁹, desde o desenvolvimento do estruturalismo, e, finalmente, deixam claro que não estão propondo uma nova teoria linguística, mas um modelo com bases empíricas para o estudo da mudança.

1.3 Formalismo e Empirismo: o casamento que deu certo!

⁹ O texto, publicado em 1968, foi apresentado num congresso realizado na Universidade do Texas em 1966.

De acordo com o que foi exposto nas subseções precedentes, as teorias em questão são certamente distintas, tanto se formos considerar a concepção de língua de cada uma delas quanto seus respectivos objetos de estudo. Em seu artigo-manifesto, Tarallo (1987) propõe uma “leitura paramétrica” de resultados de pesquisas sociolinguísticas, mostrando que é plenamente possível, a partir de análises variacionistas, prever direções de possíveis remarcações paramétricas, julgando pertinente a união entre a Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006 [1968]). Na ocasião, como lembra Tarallo, a TP&P estava em plena infância e ainda não era tomada como ponto de partida (como componente gramatical) para as análises variacionistas em sintaxe. Passados 33 anos da sua defesa em favor de uma Sociolinguística Paramétrica, essa associação tem trazido inúmeros ganhos aos mais variados fenômenos linguísticos no âmbito da sintaxe, dentre os quais temos o próprio PSN, que passou por cruciais revisões desde sua formulação. Esse, pois, é o quadro teórico que norteia nossa pesquisa. Mas, então, por que essa associação funciona?

De um lado, a TVM nos fornece subsídios para tratarmos do fenômeno da variação e mudança linguística, mostrando os passos da investigação por meio do elenco de problemas, citados acima, a serem investigados e respondidos, como o problema dos “fatores condicionantes” ou do “encaixamento linguístico”; de outro, a TP&P fornece uma completa descrição das propriedades que caracterizam um determinado parâmetro da GU, como é o caso do PSN (na realidade o mais bem descrito), auxiliando na aplicação do modelo de mudança, desde o levantamento de hipóteses, o estabelecimento dos grupos de fatores, a interpretação dos resultados, além de nos permitir prever ou identificar o “encaixamento” de uma eventual mudança, isto é, “efeitos colaterais” desencadeados pela mudança de uma forma **não accidental**, uma questão crucial para a TVM. O surgimento de um novo traço no sistema pode deixar de ser relacionado a um fenômeno de mudança se não se dispuser de uma teoria gramatical capaz de permitir essa relação.

Resumidamente, podemos, por meio dessa associação, conectar mudanças superficiais a uma única mudança subjacente, caso seja atestado algum processo de mudança; em caso de estabilidade no sistema, podemos verificar, em diferentes sistemas e variedades, se a força de atuação de grupos de fatores de ordem linguística é similar, o que permite estabelecer importantes generalizações, depreendendo com uma maior acurácia os contextos-chave que diferenciam um sistema do outro, como será mostrado na Seção 5.2. Somado a essa vantagem,

acrescenta-se que o contato com dados da *Língua E* permite confirmar ou atualizar as propriedades relacionadas a um determinado parâmetro, promovendo assim seu refinamento, como dito anteriormente, à medida que aumenta o número de sistemas analisados. E o mais importante: pesquisas norteadas por esse “casamento” não se configuram mais como meras “leituras paramétricas” de resultados de pesquisas variacionistas, uma vez que a TP&P, plenamente desenvolvida, participa efetivamente desde o início da investigação (DUARTE, 2016; 2019).

2. PARÂMETRO DO SUJEITO NULO E O ESTATUTO DA CATEGORIA VAZIA: UM BREVE PERCURSO

Um parâmetro, em sua versão de P&P, é entendido como uma propriedade abstrata de natureza variável (sua marcação pode ser positiva ou negativa), associado a um determinado Princípio e formatado no decorrer do processo de aquisição de linguagem. Sua formatação resulta na manifestação, na sintaxe visível, de um feixe de propriedades (sintáticas) idiossincráticas atribuídas a ele. Na literatura gerativista, muitos parâmetros foram estabelecidos; contudo, o PSN tem sido aquele que mais recebeu (e continua a receber) atenções e refinamentos, gerando inúmeros trabalhos no âmbito da sintaxe comparativa, que buscavam, anteriormente, determinar qual é o elenco de características (sintáticas) relacionadas a ele; hoje em dia, o que se busca é relacionar um traço funcional à realização do sujeito pronominal. Nesta seção, percorro sua história, partindo, é claro, da sua fundamentação, ainda sob o prisma do modelo de P&P. Depois, caminho pelos seus principais momentos até chegar às abordagens mais recentes, desenvolvidas à luz do PM.

Antes de o PSN ter sido efetivamente formulado, já havia alguns trabalhos de grande importância acerca do sujeito nulo, que tentavam relacioná-lo a determinadas propriedades sintáticas. Entre eles, temos o clássico texto de Perlmutter (1971), que associa a presença de sujeitos nulos à possibilidade de extração do sujeito de uma oração subordinada, cujo núcleo C esteja preenchido por um complementizador. Em Taraldsen (1978), encontramos a correlação que se tornaria o carro-chefe para os estudos do sujeito nos anos seguintes: o autor defende que línguas que apresentam rica morfologia flexional verbal licenciariam sujeitos nulos. Kayne (1980), por sua vez, propõe que as línguas que licenciam o sujeito nulo também licenciam a inversão livre.

Dentro do modelo de P&P, Chomsky (1981), pautado em Taraldsen, formula o Parâmetro *pro-drop*, tomando como base a oposição entre um sistema com um paradigma flexional verbal “rico” e um sistema com um paradigma “pobre”, que caracterizariam, respectivamente, um sistema [+*pro-drop*] e [-*pro-drop*]. Rizzi (1982) empreende um estudo aprofundado sobre a expressão do sujeito pronominal no italiano, estudo esse do qual provém a postulação clássica do PSN, relacionando a ele um feixe de propriedades já efetivamente observadas de forma individual em trabalhos precedentes, como o de Perlmutter (1971) e o de Kayne (1980). Assim, uma língua seria considerada [+*pro-drop*] se apresentasse:

- (a) sujeitos nulos em estruturas não marcadas;
- (b) possibilidade de inversão livre;
- (c) violação do *that-trace effect*.

De acordo com essas propriedades, verificou-se que o inglês, língua de realização fonética do sujeito obrigatória em sentenças não marcadas, com sério risco de a estrutura ser considerada agramatical se violada essa condição, é marcado negativamente quanto ao parâmetro *pro-drop*; por outro lado, o italiano se configura em uma língua [+*pro-drop*], apresentando sujeitos nulos em configurações não marcadas. Refinando a postulação de Chomsky (1981), Rizzi, ao correlacionar a presença de um sistema flexional verbal rico ao licenciamento e à identificação de sujeitos nulos, assume que as desinências, presentes no núcleo I (de *Inflection*), tem natureza pronominal, sendo este núcleo capaz de reger a categoria vazia que ocupa a posição estrutural de sujeito. Igualmente ao traço [+pronominal], ele associa ao núcleo flexional o traço [+referencial], na tentativa de dar conta de línguas que apresentem um sujeito expletivo. Desse modo, para o autor, as LSN se subdividem em dois tipos: (a) aquelas nas quais o sujeito nulo pode ser tanto referencial quanto expletivo, como o grego, e (b) aquelas nas quais o sujeito nulo pode ser apenas expletivo, como o holandês.

Rizzi (1986) reformula o PSN e refina o tratamento dado por Chomsky (1981) ao *pro*, propondo que essa categoria vazia, presente na posição de Spec de IP, apresentará um conjunto de traços subespecificados pelo núcleo que a rege, o núcleo I¹⁰. Caso esse núcleo não apresente

¹⁰ Segundo Figueiredo Silva e Costa (2004), pode-se apontar um sério problema teórico a essa visão se olharmos para a categoria vazia *pro* sob uma perspectiva minimalista: se *pro* é subespecificado com traços do núcleo funcional que o rege, hoje chamado de T (POLLOCK, 1989), ele não poderia ser lido pelo sistema que faz interface com a Forma Lógica, uma vez que os traços-*phi* contidos nesse núcleo são não interpretáveis. Holmberg (2005) tenta solucionar essa questão propondo que tal categoria vazia é especificada com traços-*phi* interpretáveis; trata-

um determinado feixe de traços, *pro* será interpretado como arbitrário. Além disso, expande hierarquia proposta em 1982, abarcando a distinção entre *pro* quasi-argumentais e *pro* argumentais. Contrária a essa visão, temos a de Borer (1986), para quem a posição de Spec de IP não é projetada nas línguas *pro-drop*; a autora defende que a própria flexão do verbo exerce a função de sujeito. Essa proposta ficou conhecida na literatura como “I-Subject”. Portanto, essas duas perspectivas que tentam dar conta da natureza do sujeito nulo, têm em comum a tese de que a flexão em línguas [+*pro-drop*] tem características pronominais; todavia, divergem no que toca ao estatuto da categoria vazia, o que provoca diferenças estruturais no que diz respeito às representações sintáticas: Rizzi prevê a projeção da posição de Spec de IP, que é ocupada por um *pro*; Borer entende que a flexão verbal é o próprio sujeito, o que acarreta na não necessidade da projeção do Spec de IP.

Em sua análise do chinês, Huang (1984) verifica que esse sistema linguístico licencia o sujeito (e também o objeto) nulo(s) embora não disponha de desinências verbais, mas sim apenas de radicais. Isso evidencia que não é apenas um paradigma *formalmente rico*¹¹ que estaria relacionado ao licenciamento do sujeito nulo. Com a repercussão desse trabalho, Jaeggli e Safir (1989) propõem uma nova abordagem, segundo a qual os paradigmas capazes de identificar o sujeito nulo teriam de ser morfologicamente uniformes, ou seja, compostos de formas (a) derivadas, cujo paradigma verbal apresenta marcas flexionais, como o italiano e o espanhol peninsular, e (b) não derivadas, grupo no qual estão incluídas as línguas orientais. Ainda assim, tal discussão se torna complexa uma vez que observemos as línguas germânicas, como o alemão, cuja morfologia verbal, embora rica, exhibe sujeitos referenciais foneticamente realizados. Além disso, essa proposta, de certa forma, acaba por não contemplar os sistemas cujos paradigmas apresentam formas sincréticas, formas verbais iguais associadas a pessoas do discurso distintas.

À proposta de Jaeggli e Safir, Roberts (1993) traz uma importante contribuição, de acordo com a qual um paradigma verbal funcionalmente rico também seria capaz de licenciar o sujeito nulo. Segundo o autor, um sistema flexional verbal que apresente até 1 sincretismo e uma desinência zero permite a identificação da categoria vazia. Ao analisar o PB, Duarte (1995), pautada no referido estudo de Roberts, traz suporte a tal argumento, acrescentando que

se de um pronome lexical não pronunciado em FF, isto é, sem matriz fonológica. Na verdade, há uma longa discussão na literatura sobre esse tópico, contudo, isso extrapola os limites desta monografia.

¹¹ É de grande relevância deixar claro que, ao falarmos do conjunto de línguas que constituem o grupo românico (tais como o italiano, o espanhol peninsular e as variedades europeia e brasileira do português), a correlação entre um paradigma morfologicamente rico e o licenciamento do sujeito nulo é bem plausível, como mostram Soares da Silva (2011), Marins e Soares da Silvia (2012) e Duarte & Soares da Silva (2016).

uma língua [+*pro-drop*] pode exibir até 2 sincretismos, um dos quais poderia ser a própria desinência zero, como é o caso do PE.

Em seu artigo de 1999, já dentro do PM, intitulado “*Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter*”, Kato desenvolve sua hipótese, partindo da visão de que a Flexão “exerce” a função de sujeito (BORER, 1986). Para a autora, a flexão, que se assemelha a um clítico pronominal, amalgamada ao radical verbal, comporta-se como um argumento externo (do verbo); em razão disso, apresenta, codificada em si, uma função temática e um traço de Caso a ser checado. Kato, dessa forma, considera que a flexão faz parte do inventário de pronomes fracos¹² - que se subdividem em pronomes fracos, clíticos e afixos de concordância, e que são como *atualizações*¹³ do que se convencionou chamar de traços-*phi* no programa minimalista (no PB, referem-se aos traços de número e pessoa). Os sistemas linguísticos, portanto, dispõem de uma dessas 3 estratégias para representar o sujeito em estruturas canônicas; o inglês o manifesta por meio de pronomes lexicais, o francês, como clíticos e o italiano, por meio de afixos de concordância, bem como o PE e o PB do século XIX (DUARTE, 1993).

Tal perspectiva provoca diferenças substanciais no que diz respeito à formalização da estrutura da sentença, uma vez que, segundo Kato, se um sistema linguístico apresenta o traço [+ pronominal] em sua flexão, não haverá necessidade de projetar a posição de Spec de TP, já que a flexão será gerada na camada lexical e se movimentará para núcleo de T, a fim de checar seus traços. Diferentemente dessas línguas, as que dispõem de pronomes fracos, ou seja, as que apresentam o traço [- pronominal] em sua flexão verbal, conseqüentemente, terão de projetar o Spec de TP, em face da necessidade de os pronomes-sujeito se movimentarem para tal posição para valorar seus traços. Então, baseada em estudos precedentes, Kato assume que o PB contemporâneo teria criado um paradigma de pronomes fracos nominativos para compensar a falta do traço [+ pronominal] em sua flexão, enquanto o PE continua a apresentar esse traço em tal núcleo.

Em uma minuciosa introdução presente no livro *Parametric Variation: null subject in minimalist theory*, Roberts e Holmberg (2010), na tentativa de diferenciar as línguas que licenciam, de alguma forma, o sujeito nulo, fundamentam uma tipologia que se subdivide em 4 grupos:

¹² Kato parte da proposta de Cardinaletti & Starke (1994), segundo a qual, à luz de critérios diversos, dentre os quais temos o sintático e o semântico, os pronomes são divididos em fortes e fracos.

¹³ O termo *atualizar* é usado para remeter à(s) forma(s) que manifestam concretamente uma unidade linguística abstrata (CRYSTAL, 2000).

- Línguas de sujeito nulo *consistente* → Apresentam um sistema flexional verbal rico capaz de licenciar todos os tipos de sujeito nulo. Ex: o italiano, o espanhol e o grego;
- Línguas de sujeito nulo *radical* → Sistemas que licenciam sujeitos nulos sob condições discursivas apropriadas; não apresentam qualquer tipo de desinência verbal. Ex: como o japonês e o chinês;
- Línguas de sujeito nulo *expletivo* → Licenciam sujeitos plenos referenciais e nulos expletivos, como o alemão e o holandês;
- Línguas de sujeito nulo *parcial* → Não é possível estabelecer ao certo o feixe de propriedades que compõem os sistemas desse grupo, uma vez que esse rótulo engloba línguas com propriedades bastante diversas. Ex: finlandês e o marathi;

No tocante ao seu elenco de propriedades, o PB tem sido tipologicamente classificado, pela literatura especializada, como uma língua de sujeito nulo *parcial*; o PE, em contrapartida, tem sido visto como uma língua de sujeito nulo *consistente*. Assim, Holmberg (2005) advoga que o que diferencia línguas de sujeito nulo *consistente* e de sujeito nulo *parcial* é a presença / ausência do *traço-D*(definitude) no núcleo funcional *T*(empo).

Ainda sobre as línguas de sujeito nulo *parcial*, Holmberg e Sheehan (2010) apontam que esses sistemas licenciam a categoria vazia em contextos bem mais restritos do que os encontrados em línguas de sujeito nulo *consistente*, a saber: (a) sujeitos expletivos nulos; (b) sujeito nulo de referência indefinida / indeterminada; e (c) sujeito nulo de 3ª pessoa em encaixadas desde que seja controlado pelo sujeito da oração matriz. Biberauer (2010) ressalta que, por não apresentar, no geral, um feixe de propriedades uniforme, como foi comentado anteriormente, tal conjunto de línguas é muito complexo para constituir um único grupo. Já Roberts e Holmberg alertam que alguns sistemas que hoje são comumente classificados como *consistentes*, podem, na verdade, fazer parte do rol das línguas de sujeito nulo *parcial*.

Como pudemos observar, em seus mais de 30 anos de existência, o PSN passou por diversas atualizações/reformulações à medida que o conjunto de línguas estudadas, e comparadas, aumenta, gerando novas descobertas. E continua a despertar o interesse de inúmeros linguistas ávidos pelo estudo da sintaxe do sujeito. A análise aqui apresentada visou a verificar, a partir de dados empíricos, a qual grupo o PEI pertence.

3. METODOLOGIA DA ANÁLISE

3.1 A amostra

Os dados analisados foram extraídos da Amostra CONCORDÂNCIA, que compõe o Projeto COMPARAPORT, disponível em (www.corporaport.ufrj.br), e consiste de entrevistas gravadas entre 2008 e 2010, com falantes de Lisboa, Funchal (capital da Ilha da Madeira) e Rio de Janeiro, estratificados segundo a faixa etária, o nível de escolaridade e o gênero. Para esta monografia, foram coletadas e analisadas estruturas com sujeitos pronominais de referência definida em 18 inquéritos da fala de Funchal. Para o tratamento estatístico, utilizamos o pacote de programas Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE E SMITH, 2005), que seleciona os fatores relevantes para a realização de uma regra variável e lhes atribui pesos “relativos”, isto é, a relevância de cada um em relação aos demais fatores dentro de cada grupo selecionado.

QUADRO 1: A estratificação da amostra analisada

FAIXA ETÁRIA	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	GÊNERO
A = 18 a 35 anos	1 = Fundamental	Masculino
B = 36 a 55 anos	2 = Médio	Feminino
C = 56 a 75 anos	3 = Superior	

Com relação à coleta de dados, não computamos sujeitos em estruturas coordenadas – nesse caso, a partir do segundo membro da coordenação – quando estiverem coindexados aos da coordenada anterior, uma vez que esta não se caracteriza como uma propriedade relacionada ao PSN. Igualmente, não foram coletados os dados que apresentavam sujeitos focalizados, que não podem obviamente ser nulos, não constituindo assim uma estrutura não marcada.

3.2 Os grupos de fatores

Os dados foram codificados com base em grupos de fatores levantados com o auxílio da Teoria de Princípios e Parâmetros, estando relacionados às propriedades de uma língua [+SujeitoNulo] (cf. DUARTE, 2016). Esses grupos de fatores aparecem em trabalhos precedentes, tanto sincrônicos, como em Duarte (1995; 2019), Duarte e Rezende dos Reis (2018), quanto diacrônicos, como em Duarte, Mourão e Santos (2012) e muitos outros, que procuraram investigar a expressão do sujeito pronominal. Composto nossos grupos, temos

ainda os de ordem extralinguística. A seguir, apresentamos a lista completa dos grupos contemplados em nossa análise:

QUADRO 2: Grupos de fatores de ordem linguística e social

GRUPOS DE FATORES	
LINGÜÍSTICOS	A realização do sujeito pronominal
	A pessoa do discurso
	Morfologia verbal
	Tempo verbal
	Estrutura do CP
	O padrão sentencial
	O traço semântico do referente
	Elementos entre o Spec. de TP e seu núcleo
SOCIAIS	Gênero
	Nível de escolaridade
	Faixa etária
	Comportamento do indivíduo

Apesar de ser mais bem trabalhado com o programa R-brul, o grupo de fatores *Comportamento do Indivíduo*, que computa o índice de sujeitos nulos de cada informante, também pode ser rodado pelo programa Goldvarb X, com uma ressalva: que sejam excluídos da rodada todos os outros grupos de natureza social. Desse modo, fizemos uma rodada na qual contemplamos apenas tal grupo e uma outra apenas contemplando os demais. Na rodada com os grupos de fatores *gênero*, *faixa etária* e *nível de escolaridade*, nenhum desses grupos foi selecionado como relevante para a realização da variável em análise.

3.3 A hipótese

Nossa hipótese foi levantada tendo como base o rico paradigma flexional verbal do PEI, que, assim como o PEC, apresenta 5 marcas distintivas (<-o>, <-s>, <-mos>, <-m> e <-Ø>), configurando um paradigma *funcionalmente rico* (ROBERTS, 1993), o que possibilitaria o licenciamento do sujeito nulo. Desse modo, esperamos que PEI exiba elevado índice de sujeito nulo, tal como foi atestado na variedade continental e substancialmente diferente do que foi atestado para o PB. Consideramos, portanto, que o fenômeno aqui analisado é motivado

sobretudo por uma questão funcional, diferentemente dos fenômenos ilustrados por Bazenga (2019), que, segundo a autora, seriam condicionados pelo *nível de escolaridade*, um fator de natureza social.

4. AO ATRAVESSARMOS O OCEANO, EIS O PORTUGUÊS EUROPEU INSULAR: ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Resultados gerais

Foram coletados 1650 dados com sujeitos de referência definida, codificados de acordo com a metodologia variacionista. Desse total, 999 dados (61%) apresentam o sujeito nulo, e 651 (39%), o sujeito preenchido. A seguir, vemos na Tabela 1 a distribuição dos dados segundo a pessoa do discurso e a faixa etária.

TABELA 1: Sujeitos nulos (versus totais) segundo a pessoa do discurso e a faixa etária

	18 – 35 anos	36 – 55 anos	57 a 75 anos
1ª ps	126 / 207 (61 %)	120 / 230 (52%)	154 / 275 (56%)
2ª ps	19 / 21 (90%)	4 / 17 (24%)	14 / 17 (82%)
3ª ps	66 / 133 (50%)	123 / 213 (58%)	104 / 142 (73%)
1ª pp	23 / 44 (52%)	21 / 31 (68%)	8 / 8 (50%)
2ª pp	0 / 1 (0%)	0 / 1 (0%)	0 / 4 (0%)
3ª pp	40 / 50 (80%)	62 / 88 (70%)	125 / 170 (74%)

Analisando a Tabela 1, podemos observar que a 1ª pessoa¹⁴ exibe índices de sujeitos nulos entre 50% e 68%. Os índices mais baixos de nulos são plenamente esperados e, segundo Marins (2009), que analisou o italiano oral, estão relacionados, sobretudo, a uma motivação

¹⁴ Foram computados 16 dados de *a gente*, dos quais 15 aparecem na fala de informantes de menor escolaridade e 1 aparece na de um informante de nível médio. Esse número se mostra, no geral, baixo (computamos um total de 75 dados com *nós*), o que pode ser uma forte evidência de que, bem como foi atestado no PEC (BROCARD E LOPES, 2016b), o processo de gramaticalização desse DP no PEI é mais lento se comparado ao do PB.

pragmático-discursiva: a retomada de turno, i.e., ao ato de o informante se reintroduzir no discurso; seriam, portanto, estruturas marcadas, tal como um novo DP introduzido no discurso.

Quanto à 2ª ps¹⁵, temos, para a 1ª e 3ª faixas, taxas bem altas de sujeitos nulos, o que é de fato o previsto para um sistema [+SujeitoNulo] (88% e 67%, respectivamente); a 2ª faixa etária, diferentemente das demais, apresenta um comportamento peculiar, com um baixíssimo índice de apagamento do sujeito, que é parcialmente explicado ao buscarmos uma relação entre esse índice e o comportamento de cada entrevistado: uma vez que este grupo de fatores foi selecionado como o segundo mais relevante, como será mostrado mais à frente, faria bastante sentido haver uma diferença considerável no índice de nulos entre os informantes, alguns dos quais apresentam índices gerais baixos de categorias vazias (3 deles estão abaixo dos 50%: 45%, 34% e 18%), outros, índices bem altos, justificando, desse modo, a relevância desse grupo. Assim, os altos índices de preenchimento do sujeito de 2ª ps podem estar relacionados a informantes específicos¹⁶. No que tange à 2ª pp, seu uso categórico de sujeitos expressos, apesar do pequeno número de dados, pode se dever ao fato de *vocês* não estar plenamente gramaticalizado no PEI, comportando-se ainda como uma forma de tratamento.

Em relação à 3ª pessoa, é interessante observar que, enquanto no plural são atestados índices relativamente estáveis, no singular, se atesta uma curiosa distância entre o índice do sujeito nulo produzido pela 3ª faixa (73%) e os produzidos pela 2ª e pela 1ª (58% e 50%, respectivamente), o que promove uma queda da taxa de categorias vazias à proporção que diminui a faixa etária. Levando em conta esses índices, poderíamos pensar que isso seja um indício de mudança em curso a partir do construto do “tempo aparente”. Todavia, o fato de haver diferenças nos comportamentos dos indivíduos, de certa forma, não dá força a tal hipótese.

Passemos à Tabela 2, em que verificamos a distribuição dos dados segundo a pessoa do discurso e o nível de escolaridade dos informantes. Nosso intuito é o de verificar se esse fator

¹⁵ Os resultados para a 2ªps compreendem tanto o *tu* (2ª ps direta) quanto o *você* (2ªps indireta), apesar de entendermos que ambos veiculam informações pragmáticas diferentes nas variedades europeias (BACELAR DO NASCIMENTO, MENDES E DUARTE, 2018). Realizamos o amálgama em virtude do baixo número de dados com sujeitos nulos de 2ª ps, combinados a verbos com a desinência zero, e com *você*, 10 e 3 dados, respectivamente. Apesar de metodologicamente optarmos pelo amálgama, também entendemos que, na literatura especializada, haja aqueles para os quais os sujeitos nulos de 2ª ps não necessariamente tem o *você* como sua contraparte fonológica, podendo remeter a qualquer outra estratégia de tratamento para a 2ª pessoa, tal como é o uso de *senhor* (LOPES, 2002).

¹⁶ Somado a isso, temos de considerar também que amostra com a qual trabalhamos não é a melhor para lidarmos com dados com a 2ª pessoa do discurso. Desse modo, o baixo índice dessa pessoa do discurso não reflete, de fato, o comportamento prototípico dessa faixa etária; antes, como já foi dito, parece estar relacionado sobretudo a gramáticas internalizadas que destoam das que representam a “gramática da comunidade”.

de natureza social atua no fenômeno do sujeito com a mesma relevância com que, de acordo com Bazenga (2019), atua em outros fenômenos morfossintáticos (cf. Introdução).

TABELA 2: Distribuição de sujeitos nulos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas do discurso, segundo o nível de escolaridade.

PESSOA DO DISCURSO	NÍVEL DE ESCOLARIDADE		
	FUNDAMENTAL	MÉDIO	SUPERIOR
1ª Pessoa	53%	55%	60%
2ª Pessoa	60%	68%	45%
3ª Pessoa	62%	54%	77%

Para a 1ª pessoa, a Tabela 2 revela uma leve curva ascendente nos índices percentuais de sujeitos nulos com o aumento da escolaridade, de 53% a 60%. Em relação à 2ª pessoa, ocorre o contrário: os menos escolarizados apresentam um índice de 60% de sujeitos nulos; os que têm o ensino médio, taxas levemente superiores, de 68%, enquanto os mais escolarizados produzem 45% de categorias vazias. Já para a 3ª pessoa, são atestados índices de 62% e 77% para os menos e mais escolarizados, respectivamente; contudo, nos de escolaridade intermediária, é verificada a ocorrência de 54% de sujeitos nulos.

Os resultados revelam um quadro bem irregular em relação à pessoa e à escolaridade. Assim, com o aumento da escolaridade, só se observa o aumento de sujeitos nulos de 1ª pessoa, de 53% para 60%, o que poderia sugerir uma mudança em tempo “aparente”. Entretanto, nas outras pessoas do discurso, não se evidencia a mesma gradação ascendente. Mais ainda: a presença dos informantes com comportamento idiossincrático não influencia efetivamente em nada o baixo índice de sujeitos nulos de 2ª pessoa, uma vez que eles não apresentam esse nível de escolaridade - 2 pertencem ao grupo 2 (Médio); 1, ao grupo 1 (Fundamental). Portanto, essa baixa taxa pode estar muito mais associada à escassez de dados do que necessariamente a um comportamento prototípico desse nível de escolaridade. Em adição, podemos talvez até considerar que os dois informantes que fazem parte do nível Médio motivem, de alguma forma, uma singela queda no índice percentual de sujeitos nulos de 3ª pessoa desse nível de escolaridade (54%); contudo, estaríamos diante de uma sobreposição do grupo de fatores *Comportamento do Indivíduo* com o grupo *nível de escolaridade*: o baixo índice geral de nulos também é condicionado pelas gramáticas ímpares de apenas dois informantes.

Os resultados aqui mostrados nos impulsionam, pois, a defender que, diferentemente do que ocorre com os outros fenômenos sintáticos mostrados em Bazenga (2019), a expressão do sujeito pronominal não é condicionada pelo nível de escolaridade; antes, há fatores de ordem estrutural, semântica e idiossincrática envolvidos. Como o programa estatístico aqui utilizado, o Goldvarb X, é capaz de equilibrar problemas de má distribuição de dados, passemos aos resultados das rodadas para a verificação dos fatores que favorecem o sujeito nulo. A seguir, listamos os grupos de fatores selecionados para a rodada geral.

QUADRO 3: Grupos selecionados para a rodada geral.

RODADA GERAL	
1º	Traço Semântico
2º	Comportamento do Indivíduo
3º	Padrão Sentencial
4º	Estrutura do CP
5º	Morfologia Verbal
6º	Elementos entre o Spec. de TP e seu núcleo
7º	Tempo e Modo Verbais
8º	Desinência Verbal

É interessante observar que, com exceção do grupo *Comportamento do Indivíduo*, apenas foram selecionados como mais relevantes grupos de ordem linguística. Na sequência, serão apresentados os resultados para os sujeitos de 3ª pessoa do discurso, dada a sua importância na caracterização do PSN.

5.2 Olhando para a 3ª pessoa

Foram coletados um total de 796 de dados para a 3ª pessoa, dos quais 520 (65%) são nulos. A seguir, elencamos os grupos de fatores selecionados para essa pessoa do discurso.

QUADRO 4: Grupos selecionados para a rodada geral e para a rodada de 3ª pessoa.

RODADA 3ª PESSOA

1º	Traço Semântico
2º	Padrão Sentencial
3º	Comportamento do Indivíduo
4º	Estrutura do CP

É de suma importância ressaltar que, com exceção do grupo *Comportamento do Indivíduo*, os grupos de fatores selecionados para o PEI são os mesmos atestados para o PEC e PB (DUARTE E REZENDE DOS REIS, 2018; DUARTE, 2019), diferenciando apenas na ordem de seleção dos dois primeiros: para as variedades europeia continental e brasileira, o padrão sentencial é selecionado em 1º lugar e o traço semântico, em 2º. Na subseção subsequente, serão apresentados os resultados referentes aos 4 grupos de fatores.

5.2.1 O traço semântico e a hierarquia de referencialidade

Esse grupo de fatores está relacionado ao feixe de traços semânticos de animacidade e especificidade do referente. Em estudos precedentes, Duarte (1995) atestou que a referencialidade se mostra um forte condicionador à expressão do sujeito pronominal, sendo os sujeitos com o traço [-animado] os mais resistentes à mudança em direção ao pronome expresso. Assim, Cyrino, Duarte e Kato (2000) propõem uma hierarquia de referencialidade, segundo a qual quanto mais referenciais forem os DPs (os de 1ª e 2ª pessoa se encontram no ponto mais alto da hierarquia) mais prontamente eles tenderão a ser expressos. Em Duarte, Mourão e Santos (2012) e Duarte (2019), que analisam peças de teatro e inquéritos da fala, respectivamente, em duas variedades do português, é ratificada a importância desse grupo de fatores, tanto em um sistema em mudança como o PB, quanto em um sistema estável como o PEC (em que os referentes com o traço [-animado] têm sujeito nulo quase categórico). Desse modo, esperamos que, tal como ocorre no PB e no PEC, os sujeitos pronominais que retomam um referente com o traço [+animado] apresentem, no PEI, um índice de preenchimento maior do que aqueles que apresentam o traço [-animado]. Os exemplos a seguir ilustram as combinações possíveis dos traços de animacidade e especificidade.

[+ani/+esp]

- (1) a. Tenho [**uma irmã**]_i que foi para a universidade. \emptyset _i é fisioterapeuta.
 b. Há [**um gaje lá que costuma passar lá**]_i, e *ele*_i bebe muito.

[+ani/-esp]

- (2) a. se [**os padres**]_i casassem, se \emptyset _i constituíssem a sua família, primeiro lugar \emptyset _i viam as coisas por outro prisma.
 b. [**As mulheres**]_i resignavam-se. Havia uma maior resignação. *Elas*_i tinham que estar em casa...

[-ani/+esp]

- (3) a. Se [**a internet**]_i veio beneficiar em algumas coisas, \emptyset _i também tem o seu lado negativo.
 b. [**A experiência musical**]_i não é requisito fundamental para entrar na TUMA. \emptyset _i é bem-vinda. Se já houver, melhor ainda se *ela*_i existir.

[-ani/-esp]

- (4) a. Se existe [**algum mérito**]_i, \emptyset _i não é só meu.
 b. É evidente que posso ter cometido um ou outro erro, mas, com os erros, também se aprende, e, reflectindo bem agora naquilo que eu possa ter feito [**alguns erros**]_i, ainda bem que \emptyset _i foram feitos, porque assim abriram os olhos para melhorarem alguns aspectos.

A seguir, verificamos os resultados para esse grupo de fatores:

TABELA 3: Distribuição de sujeitos nulos (vs total) segundo o traço semântico do referente.

PEI (Input: 0.748)			
TRAÇO SEMÂNTICO	N / T	%	PR
+ani / +spec	173 / 403	43%	0.229
+ani / -spec	155 / 194	80%	0.547
-ani / +spec	180 / 187	96%	0.919
-ani / -spec	12 / 12	100%	-
TOTAL	<i>range</i>		0.690
Log likelihood = - 350.925 Significance = 0.000			

Na análise da Tabela 3, constatamos a atuação da hierarquia de referencialidade. Os referentes [-animados] constituem um forte contexto condicionador do sujeito nulo, com índice percentual categórico para a interação [-ani/-esp] e quase categórico para a interação [-ani/+esp], com peso relativo¹⁷ de 0.919. Num ponto intermediário, embora com 80% de pronomes nulos, temos os com o traço [+animado/-específico] com o peso de 0,547, uma distância de 0,372. No polo oposto, vemos a interação do traço [+animado] com o traço [+específico], desfavorecendo significativamente o sujeito nulo, com 43% de ocorrência e um peso de 0,229. O *range* de 0.690 entre o peso mais alto e o mais baixo configura uma prova bastante contundente, justificando sua seleção como o grupo de fatores de maior relevância. Uma observação importante sobre a variedade europeia do português (continental e insular) é o fato de que o sistema permite, de modo bastante parcimonioso, pronomes pessoais nominativos com o traço [-animado], apesar de se restringirem ao DP [+específico]; embora o número de ocorrências seja muito baixo, este é um aspecto que distingue o PE de suas irmãs românicas de sujeito nulo, como o italiano e o espanhol, que não expressam foneticamente os sujeitos pronominais com o traço [-animado].

5.2.2 O padrão sentencial

¹⁷ Para uma análise com pesos relativos, é imprescindível ter em mente que o valor de um peso isolado nada informa; os pesos devem ser interpretados tendo o seu valor relacionado / comparado a outro.

O grupo de fatores *padrão sentencial*, de caráter funcional e estrutural, por tratar da acessibilidade do antecedente, é de grande relevância no estudo da expressão do sujeito pronominal, uma vez que permite analisar a importância da posição e da função do antecedente em relação ao elemento que o retoma, isto é, de que forma a acessibilidade sintática atua no condicionamento do sujeito nulo ou expresso. Esse grupo, proposto inicialmente em Barbosa, Duarte e Kato (2005), foi posteriormente refinado em Duarte e Rezende dos Reis (2018). A seguir, elencamos e descrevemos os padrões com os quais trabalhamos:

Padrão A - O sujeito da subordinada é correferente com o sujeito da oração matriz anteposta.

- (5) a. [Os egoístas tradicionais]_i ficam satisfeitos quando Ø_i têm a sua necessidade satisfeita.
- b. [Esse meu amigo]_i, [o zé]_i, foi chamado pá “PE” quando *ele*_i tava na formatura no seu pelotão.

Padrão B - O antecedente se encontra na oração subordinada anteposta e é retomado pelo sujeito da oração matriz posposta. Este é um contexto de grande importância nos estudos para a expressão do sujeito pronominal em sistemas [+SujeitoNulo], por evidenciar que a ausência de *c-comando* não bloqueia a retomada do antecedente da encaixada anteposta por uma categoria vazia na posição de sujeito da matriz posposta, como foi atestado em Duarte (2019).

- (6) a. Se *ela*_i gostasse do homem, Ø_i dava-lhe um beijinhe [beijinho] na cara. (Referente: mulher)
- b. Quando *ele*_i portanto *ele*_i foi po (pro) ultramar, *ele*_i mandou uma carta à mãe a me pedir namoro. (Referente: namorado)

Padrão C - O antecedente se encontra em uma oração adjacente e exerce a função de sujeito.

- (7) a. [**os sistemas colectivos ou colectivistas**]_i despersonalizavam as pessoas e tiravam essa criatividade. \emptyset _i tentavam criar um contexto igual para os homens serem iguais.
- b. [**A professora**]_i deu-me uma de repente; a pressora [professora] implicava sempre comuigue [comigo]. *Ela*_i tá [estava] a passar a [ao] meu pé; eu pôs [eu pus] o pé assim ao lóde [lado], *ela*_i não vie [viu].

Padrão D - O antecedente exerce outra função sintática e está alocado no mesmo período ou no período adjacente.

- (8) a. As pessauas [pessoas], como não podiam comprar muitas vezes [**a lenha**]_i porque \emptyset _i era muito cara, compravam o farelo.
- b. Eu estimei tanto [**a minha bonequinha**]_i e, em dois dias, *ela*_i tava desfeita.

Padrão E - O antecedente é sujeito de uma oração não adjacente no contexto precedente, ou seja, é possível observar a presença de uma ou mais orações intervenientes.

- (9) a. [**A minha passagem pela universidade**]_i acho \emptyset _i que foi positiva, no seu todo. Não tenho grandes notas negativas em nenhum aspecto. Acho que comecei da melhor forma. Não tenho de todo grandes reclamações, exceptuando alguma outra situação menos boa. Mas, no seu todo, \emptyset _i foi uma experiência cem por cento positiva.
- b. Ah, uma vez, eu tava numa aula com [**o professor marco**]_i. Eu sou de físico – química; eu não fiz nada; e houve alguém que disse algo tipo “miau”; e *ele*_i tava de costas. Assim *ele*_i vira-se: “nuno, vai já pá rua! Já pá rua! não quero saber.”

Vejamos os resultados na Tabela 6:

. **TABELA 4:** Distribuição de sujeitos nulos (vs total) segundo o padrão sentencial

PADRÃO SENTENCIAL	PEI (Input: 0.748)		
	N / T	%	PR
Padrão A	78 / 83	86%	0,872
Padrão B	13 / 14	89%	0,800
Padrão C	402 / 515	66%	0,520
Padrão D	77 / 153	61%	0,389
Padrão E	66 / 183	46%	0,312
TOTAL	<i>range</i>		0,560
Log likelihood = - 350.175 Significance = 0.000			

A Tabela 4 revela que os padrões A e B são aqueles que mais favorecem o sujeito nulo, com pesos relativos de 0.872 e 0,800, respectivamente; seus índices percentuais são quase categóricos, o que confirma a força desses padrões. Um pouco mais abaixo, temos o padrão C como um importante condicionador à categoria vazia, com um peso relativo de 0.520, contudo menos relevante “em relação” aos dois primeiros. No extremo oposto, encontramos, nos padrões D e E, com pesos de 0.389 e 0,312 respectivamente, os contextos que menos favorecem a categoria vazia, por questões funcionais ligadas a um antecedente em outra função sintática que não a de sujeito ou a um antecedente distante; neste, o que atua fortemente no bloqueio do sujeito nulo é a acessibilidade sintática. Ainda sobre o padrão D, é interessante observar que, apesar de seu índice percentual ser próximo ao do padrão C, sua força de atuação, veiculada pelo seu peso relativo, é praticamente a mesma do padrão E. Também, é interessante notar que, mesmo em tais contextos, um sistema [+SujeitoNulo] ainda exhibe índices percentuais significativos, sugerindo que, mesmo em condições desfavoráveis em termos de acessibilidade, o sujeito nulo não tem sua identificação totalmente comprometida.

Em adição, o expressivo *range* de 0.560 entre o peso mais alto e o mais baixo confirma que mesmo um sistema de sujeito nulo *consistente* (cf. Seção 4.1) vê no preenchimento do sujeito uma estratégia válida quando fatores de ordem estrutural comprometem a identificação da categoria vazia, bem como defende Rizzi (1987)¹⁸. Este resultado, mais uma vez, espelha o

¹⁸ Rizzi (1988:15), referindo-se às línguas hoje conhecidas como línguas de sujeito nulo “consistente”, que têm o sujeito nulo licenciado por uma morfologia rica de concordância, diz que “grosso modo, o uso de material fonético é legítimo apenas quando necessário para veicular o sentido pretendido, dentro das restrições da GU e de uma gramática específica. Disso decorre que, dada a existência de uma opção pronominal nula, em línguas como o italiano, a forma expressa se limitará aos casos em que ela é necessária, i. e., quando o sujeito pronominal,

comportamento do PEC (DUARTE, 2019), bem como o de outros sistemas de sujeito nulo *consistente*, como os já citados italiano (MARINS, 2009) e o espanhol peninsular (SOARES DA SILVA, 2012). A exceção fica a cargo do padrão B, que atua de uma forma nas variedades europeias e de outra na variedade brasileira: no PEC e no PEI, ele se comporta como o Padrão A, constituindo um forte condicionador à retomada por uma categoria vazia (ou seja, a antecedência e a mesma função se sobrepõem ao *c-comando*); no PB, é o que mais inibe o sujeito nulo, atuando de maneira similar ao padrão E. De acordo com Saab (2016), a variedade brasileira atualmente licencia as categorias vazias pela sintaxe, não mais pela morfologia, diferentemente do que podemos observar nas variedades europeias. Essa não sensibilidade a estruturas sem *c-comando* aproxima o PEI do PEC, e o afasta do PB, sendo mais uma importante prova a favor da nossa hipótese. Em suma, o PB, mas não as variedades europeias, perdeu uma propriedade crucial no licenciamento do sujeito nulo: a falta de *c-comando*.

4.2.3 Comportamento do indivíduo

Para este grupo, não apresentaremos os pesos relativos, apenas os índices percentuais de sujeitos nulos de cada informante, uma vez que o programa Goldvarb X encontra certos problemas para distribuir os pesos quando há um grande número de fatores. Como já foi dito, a rodada que inclui este grupo teve excluídos os demais de natureza social. Queremos, com esses resultados, apenas ressaltar a grande (e interessante) diferença que há entre os índices de certos informantes, em relação aos demais, como podemos observar na Tabela 5.

TABELA 5: Distribuição de sujeitos nulos (vs total) segundo o comportamento de cada indivíduo

indicando foco ou contraste, tem de ser pronunciado (evidentemente, um elemento nulo não pode veicular acento)” (nossa tradução).

PEI			
INDIVÍDUO	%	INDIVÍDUO	%
A	97%	J	84%
B	45%	K	79%
C	18%	L	67%
D	100%	M	80%
E	82%	N	74%
F	71%	O	81%
G	79%	P	51%
H	18%	Q	100%
I	66%	R	81%

Como se pode observar, 3 informantes apresentam índices de sujeitos nulos abaixo dos 50% (B, C e H), o que já se pode considerar um comportamento bem diferenciado do que se espera de um falante de um sistema que privilegia o apagamento do sujeito. Além desses, é válido também apontar o comportamento do informante P, que exibe um índice que, embora superior a 50%, ainda assim chama a atenção. Com exceção desses 4 informantes, todos os outros apresentam índices de sujeitos nulos superiores aos 60%, com destaque para o informante A, com 97%, e para os informantes D e Q, ambos com índices categóricos.

Ainda não temos uma resposta satisfatória para o porquê do comportamento idiossincrático dos referidos informantes. Cintra (2008; 95-98) comenta que a ilha da Madeira apresenta um contexto linguístico com uma evidente diversidade interna, promovendo em seu território, um “complexo conjunto de dialectos de um modo ou de outro distintos e por vezes muito divergentes entre si”. Além disso, vemos, com esses resultados, a importância de olhar para a gramática do indivíduo, posição esta que sempre foi defendida pela Teoria Gerativa. Nesse caso, estaríamos lidando com 3 gramáticas que efetivamente destoam da gramática da “comunidade”.

5.2.4 A estrutura do CP

Dando continuidade, temos o grupo de fatores *estrutura do CP*, de acordo com o qual computamos a presença ou ausência de elementos nessa camada, que faz interface com o discurso. Dessa forma, temos:

Spec de CP preenchido (por um pronome relativo ou interrogativo)

- (10) a. [**A pessoa**]_i está ali. \emptyset _i Não pensa. \emptyset _i tá absorvida naquilo *que* \emptyset _i está a fazer.
 b. [**A professora**]_i... **ela**_i ponha-se a gente a estudar as tabuadas *que* **ela**_i ia dizer.

Núcleo de CP preenchido (por um complementizador)

- (11) a. Ele mandou uma carta à minha sogra a pedir namoro, e depois eu disse a meu pai.
 [**Meu pai**]_i disse *que* \emptyset _i dava o sim quando ele viesse
 b. [**Meu marido**]_i perguntou-me sabes o que *que* **ele**_i perguntou.

Sem elementos no CP

- (12) a. [**As minhas filhas**]_i aliás já tem a [sua] formação, não é? \emptyset _i tão a trabalhar, \emptyset _i têm o seu cursinho.
 b. Eu vivia com [**o meu avô e a minha avó**], e então *eles*_i eram um pedacinho severos.

A seguir, estão dispostos os resultados para a Estrutura do CP:

PEI (Input: 0.731)

ESTRUTURA DO CP	N / T	%	PR
Sem Elemento no CP	321 / 510	63%	0.515
Núcleo de CP Preenchido	141 / 208	68%	0.516
SPEC de CP preenchido	23 / 43	53%	0.260
total	range		0.256
Log likelihood = - 333.204 Significance = 0.000			

TABELA 6: Distribuição de sujeitos nulos (vs expressos) segundo a estrutura do CP

Ao examinarmos a Tabela 6, verificamos que a configuração do CP mais atuante no desfavorecimento do sujeito nulo é a que apresenta um elemento na sua posição de Especificador, que pode ser um pronome relativo ou interrogativo, com peso relativo de 0.260. Por outro lado, exibindo pesos similares, as configurações com o núcleo de CP preenchido e sem a presença de elementos nessa camada condicionam o sujeito nulo. Na verdade, as orações relativas e interrogativas constituem um contexto bastante favorável ao preenchimento do sujeito, mesmo em sistemas de [+SujeitoNulo], como se observou nas referidas análises mencionadas acima. Imaginamos que isso se deva ao fato de que o sujeito da oração encaixada nem sempre é correferente com o da oração matriz. Pode-se também presumir que um pronome em Spec, TP contribua para dificultar a interpretação de uma categoria pronominal nula. Por fim, podemos observar que o *range*, apesar de não ser tão expressivo quanto o atestado nos grupos anteriores, ainda assim demonstra a relevância da presença de um elemento em Spec, TP de um lado em oposição à presença de elemento em C ou a total ausência de qualquer elemento nessa camada, com pesos praticamente idênticos.

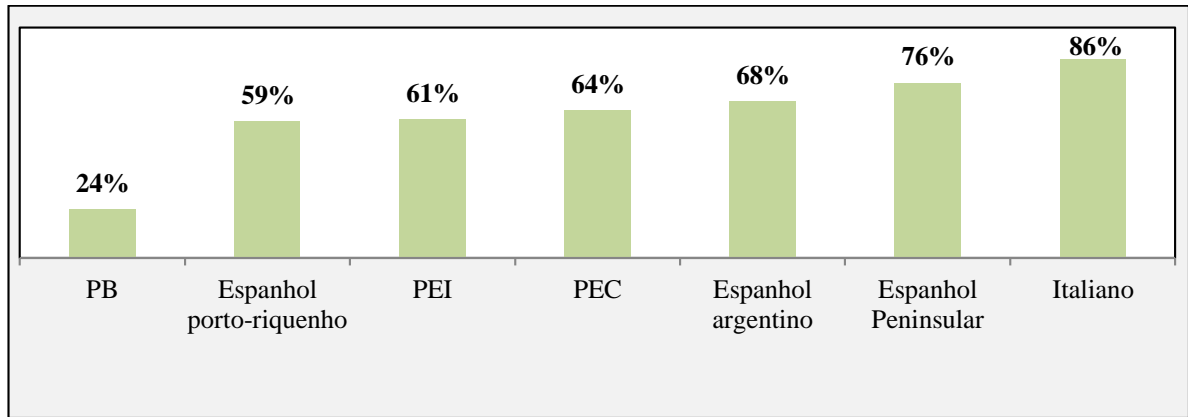
5. EM FAVOR DE UMA ESCALA DE PROTOTIPICIDADE

Após diversos trabalhos que analisaram a expressão do sujeito pronominal nas línguas românicas, valendo-se da metodologia variacionista, pôde-se confirmar que a clássica noção de

Parâmetro, de fato, deveria ser revista. Segundo Marins e Soares da Silva (2012), por mais que o italiano e as variedades do espanhol mostrem preferência pelo apagamento do sujeito, ainda assim se atestam diferenças no que concerne aos contextos que condicionam e que restringem essa categoria vazia. Tomemos como exemplo um dos grupos de fatores com os quais trabalhamos: o traço semântico do referente. Duarte (2019) mostra que o PEC já licencia sujeitos preenchidos com a interação de traços [-ani/+esp], apesar de serem ocorrências marginais (2,5% do total de sujeitos preenchidos para a 3ª pessoa); o italiano, em contrapartida, não exibe um paradigma de pronomes pessoais expressos com o traço [-ani] (MARINS, 2009). Isso demonstra que o comportamento dos ditos sistemas [+SujeitoNulo] não se “encaixa” perfeitamente ao clássico conceito de Parâmetro, em face de este não ser capaz de captar as nuances que cada língua apresenta, no que diz respeito ao PSN.

Tarallo e Kato (2006 [1989]) trazem à tona uma questão interessante ao apontar que não é apenas a presença ou ausência de uma determinada propriedade que indicaria marcações paramétricas diferentes; há também o fator frequência. Olhando para a frequência, graças à metodologia variacionista, foi possível a visualização de características próprias de cada sistema, permitindo relacioná-las ao PSN. Tendo isso em mente, Soares da Silva (2011) advoga a favor de uma escala de prototipicidade, na qual, em um extremo, se teria o italiano como a língua que melhor representaria um sistema de sujeito nulo; em outro extremo, teríamos o inglês e o francês como representantes prototípicos de uma língua [-SujeitoNulo]. Dispostas ao longo da escala, estariam as línguas que apresentassem traços que as alocassem mais próximas de um extremo ou de outro. A seguir, adaptada de Marins e Soares da Silva (2012) com resultados de Duarte (2019) para o PEC e PB, observa-se a escala de prototipicidade, incluindo a ela também os resultados aqui mostrados para o PEI.

GRÁFICO 1: Percentuais de sujeitos nulos no italiano, espanhol e português.



Como se pode observar no Gráfico 1, o italiano apresenta os maiores índices de sujeitos nulos (86%), seguido do Espanhol Peninsular, com taxas um pouco inferiores (76%), o que já mostra que, embora sejam sistemas de sujeito nulo *consistente*, há um comportamento distinto quanto aos contextos que o licenciam. Na sequência, temos o Espanhol Argentino, o PEC e o PEI, cujos índices são de 68%, 64% e 60%, respectivamente. Nesses sistemas, a distância entre um percentual e outro é levemente menor, se compararmos com o italiano e a variedade europeia do espanhol. Entretanto, destaque-se que não há no espanhol argentino sujeitos pronominais com o traço [-animado]. Com 59%, aparece o Espanhol porto-riquenho, que, segundo Soares da Silva (2011), está passando por uma mudança paramétrica, uma vez que apresenta contextos nos quais há a preferência pelo sujeito pleno (apesar de ainda não ter desenvolvido um pronome com o traço [-animado]), destoando, desse modo, dos sistemas anteriormente citados, que optariam por uma categoria vazia. O índice percentual do PB efetivamente evidencia seu afastamento do rol dos sistemas [+SujeitoNulo], estando ele, na escala de prototipicidade, mais próximo do inglês e do francês.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos empreendidos desde o início dos anos 90, motivados pelo de Tarallo (1983), têm evidenciado que o PB passou de um sistema [+SujeitoNulo] para um sistema que prefere realizar foneticamente seus sujeitos pronominais; o PEC, em contrapartida, continua a se comportar como uma língua de sujeito nulo *consistente*, da qual igualmente fazem parte o italiano e o espanhol europeu. Esta monografia visou a contribuir com essa gama de estudos, adicionando, ao rol de variedades do português analisadas, a falada em Funchal, aqui referida como PEI, comparando seus resultados, sempre que necessário, com o PB e o PEC. Realizamos,

pois, em amostras atuais da fala funchalense, uma análise quantitativa e qualitativa dos resultados referentes à expressão do sujeito pronominal de referência definida.

Para tanto, valemo-nos da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), que nos fornece o feixe de propriedades que caracterizam o PSN, o que possibilitou levantarmos a hipótese e os grupos de fatores de natureza linguística, assim como interpretarmos os resultados. Associada a esse componente gramatical, utilizamos a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006 [1968]), que nos aponta as questões centrais à investigação da mudança, bem como nos cede a metodologia para lidarmos, quantitativa e qualitativamente, nos dados, com os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos favorecedores e inibidores do fenômeno em análise, condicionamentos esses cuja força de atuação é mensurada por meio do programa Goldvarb X, que equilibra a má distribuição de dados e atribui pesos relativos aos fatores que compõem os grupos.

No que concerne à coleta de dados, a amostra analisada foi extraída da Amostra CONCORDÂNCIA, e consiste em entrevistas gravadas entre 2009 e 2010, que englobam falantes de Funchal, capital da Ilha da Madeira, estratificados segundo a faixa etária, o nível de escolaridade e o gênero. Para esta monografia, foram coletadas e analisadas estruturas com sujeitos pronominais de referência definida em 18 inquéritos.

Na análise, atestamos um índice percentual geral de 61%, índice bem próximo ao de 64% encontrado no PEC (DUARTE, 2019), e substancialmente distante do encontrado para o PB, com 24%, confirmando, dessa forma, nossa hipótese, segundo a qual as variedades europeias apresentariam comportamentos semelhantes. Igualmente, foi atestado, tanto na rodada geral quanto na rodada para 3ª pessoa, que os mesmos grupos de fatores de natureza linguística selecionados como mais relevantes no PB e PEC foram selecionados na variedade insular, com a diferença apenas na ordem de seleção dos dois primeiros: para o PB e PEC, em 1º está o padrão sentencial, seguido do traço semântico do referente; para o PEI, o contrário. Outro diferencial fica a cargo do grupo de fatores *Comportamento do Indivíduo*, com um comportamento no PEI bem menos uniforme se compararmos às variedades europeia e brasileira, o que nos instiga a futuramente olhar com mais acuidade para ele.

Por outro lado, outros grupos de fatores de natureza extralinguística, comumente analisados em estudos variacionistas, no geral, não parecem exercer efetiva força para a realização do sujeito pronominal. Com relação à *faixa etária*, apenas um resultado nos chama a atenção: pudemos verificar que somente a 3ª ps apresenta um considerável aumento no índice de sujeitos nulos à proporção que a faixa etária sobe, com 50%, 58% e 72% para a faixa 1, 2 e

3 respectivamente, o que, em uma análise em tempo aparente, nos sinalizaria para um possível processo de mudança; todavia, o fato de haver diferenças nos comportamentos dos indivíduos, de certo modo, faz com que tal hipótese perca a força. No que tange ao *nível de escolaridade*, atestamos apenas para a 1ª ps uma singela ascendência, com o aumento da escolaridade nos índices percentuais de sujeitos nulos, que estão entre 53% e 60%. Contudo, apesar de verificarmos um efetivo aumento, ele se dá quantitativamente de forma não muito expressiva. Diante disso, somos motivados a considerar que a expressão do sujeito pronominal, diferentemente dos outros fenômenos analisados em Funchal, compilados em Bazenga (2019), não é condicionada pelo nível de escolaridade; antes, há fatores de ordem estrutural, semântica e idiossincrática envolvidos.

Ao dirigirmos o olhar para a 3ª pessoa, verificamos, no grupo *traço semântico do referente*, a atuação da hierarquia de referencialidade (CYRINO, DUARTE E KATO, 2000); assim, atestamos que os DPs que retomam referentes [+animados] são mais frequentemente preenchidos do que os que retomam referentes [-animados]; é interessante ressaltar que verificamos a ocorrência de DPs expressos [-animados], apesar de ser uma estratégia bastante marginal, com índice de 4% - o mesmo índice encontrado para o PEC.

Quanto ao *padrão sentencial*, atestamos que os padrões com uma maior acessibilidade sintática, como a configuração matriz subordinada e subordinada matriz, são aqueles que mais condicionam o sujeito nulo, com índices de 86% e 89%, respectivamente, seguido do padrão com o antecedente na função de sujeito em um período adjacente, com índice de 66%. Os padrões com antecedente a exercer outra função sintática e com antecedente distante configuram contextos de desfavorecimento da categoria vazia. Como comentado na seção 4, tal ordem de atuação é semelhante à encontrada para o PEC; para o PB, a configuração sintática com o antecedente na subordinada anteposta à matriz atua de maneira oposta: é exatamente o contexto sintático que mais inibe o sujeito nulo.

No que se refere à estrutura do CP, verificamos que a estrutura que mais figura como inibidor do sujeito nulo é a que apresenta um elemento na sua posição de Especificador, elemento esse que pode ser um pronome relativo ou interrogativo. Por outro lado, exibindo índices similares, as configurações com o núcleo de CP preenchido e sem a presença de elementos nessa camada condicionam o sujeito nulo.

Como foi mostrado na seção 3, a noção clássica de Parâmetro foi abandonada no Programa Minimalista, passando a ser compreendida como um traço funcional contido o Léxico, a conjectura *Chomsky-Borer* (CHOMSKY, 1995). Roberts e Holmberg (2010)

relacionam o PSN à presença / ausência do *traço-D*(efinitude) na sonda *T*(empo). Assim, diante do índice geral que o PEI exibiu, podemos considerar que essa variedade, bem como o PEC, compõe o grupo dos sistemas de sujeito nulo *consistente*, i.e., apresenta o *traço-D* em *T*, o que lhe(s) permite licenciar e identificar suas categorias vazias. Diferentemente das variedades europeias, o PB, por sua vez, não apresenta o *traço-D* na sonda em questão e, segundo Saab (2016), não mais licencia as categorias vazias via morfologia, mas pela sintaxe. Contudo, mesmo compondo tal grupo, as variedades europeias apresentam uma característica que as línguas de sujeito nulo prototípicas, como italiano e espanhol europeu, evitam a todo custo: pronomes expressos com o traço [-animado]. Seria isso suficiente para propormos uma diferença microparamétrica entre tais sistemas? De fato, é uma questão bastante discutível, uma vez que, de um lado, se trata de uma estratégia bastante marginal, alcançando um índice, como mostrado anteriormente, de apenas 4%, em ambas as variedades; por outro lado, apesar da marginalidade, a gramática internalizada desses indivíduos já se vale dessa estratégia para retomar os antecedentes, o que configura um traço adquirido no processo de aquisição de linguagem dos seus falantes.

Não devemos deixar de enfatizar que esses resultados mostram o quão poderoso se faz o “casamento” entre a Teoria de Princípios e Parâmetros e a Teoria da Variação e Mudança: apesar de atestarmos certa estabilidade no sistema funchalense, pudemos observar que a força de atuação dos fatores que compõem os grupos de natureza linguística selecionados como mais relevantes, como dito anteriormente, é similar não somente à força de atuação atestada nas variedades europeia continental e brasileira, como também à força de atuação atestada no italiano e no espanhol europeu, com diferenças apenas nos índices percentuais (cf. DUARTE E SOARES DA SILVA, 2016).

Dessa forma, o quadro teórico aqui utilizado tem trazido interessantes ganhos, que possibilitam promover o estabelecimento de generalizações bem eficazes sobre as propriedades associadas às LSNs, bem como sobre o processo de propagação da mudança na remarcação do valor do PSN, depreendendo com uma maior acurácia os contextos-chave que diferenciam um sistema [+SujeitoNulo] de um [-SujeitoNulo]. Somado a isso, devemos ressaltar, também, a relevância de se trabalhar com dados reais, o que, no nosso caso, tem promovido importantes contribuições em relação ao feixe de traços relacionados ao PSN, assim como tem viabilizado o refinamento da própria noção de Parâmetro, que, com o aumento do número de línguas analisadas, precisou ser reformulada (cf. ROBERTS E HOLMBERG, 2010).

Para concluir, resta-nos ressaltar que esse trabalho também se insere na vasta gama de investigações que estão sendo feitas no PEI, como o de Bazenga (2019), que revela vários traços destoantes de fenômenos morfossintáticos entre a gramática funchalense e lisboeta. Apesar de os resultados gerais se aproximarem do índice da variedade continental, verificamos que, ao olharmos para o comportamento do indivíduo, as taxas não são tão estáveis. Diante disso, consideramos que aspectos extralinguísticos - tal como o forte fluxo migratório que ocorreu em Funchal, o que ocasionou a criação de micro comunidades dentro da cidade e um provável contato linguístico - podem, de todo modo, estar atuando no comportamento peculiar de alguns dos informantes. Além disso, tais resultados enfatizam a importância, em um empreendimento linguístico, de olharmos não apenas para a “gramática da comunidade”, como também para a “gramática do indivíduo”. Uma sugestão nossa seria acrescentar pelo menos mais uma estratificação social à confecção da amostra: a região onde cada informante vive dentro de Funchal. Com essa informação em mãos, é possível que as investigações futuras sinalizem resultados bem mais reveladores, tal como uma provável relação entre certos traços peculiares e certas micro comunidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACELAR DO NASCIMENTO, M. F.; MENDES, A.; DUARTE, M. E. L. Sobre formas de tratamento no Português Europeu e Brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, v. 20, pp. 245-262, 2018.
- BAKER, M. The macroparameter in a microparameter world. In: Biberauer, T. (ed.) *The Limits of Syntactic Variation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2008, pp. 351-374.
- BARBOSA, P.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Univ. de Lisboa, v. 4, pp. 11-52, 2005.
- BAZENGA, A. Aspectos interdisciplinares e linguísticos na construção da identidade madeirense. *Pensardiverso: Revista de Estudos Lusófonos*. Funchal: Universidade da Madeira, n. 6, 2018, pp. 90-111.
- BAZENGA, A. (2019). *Aspectos da Sintaxe do Português Popular Falado no Funchal*. Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série, n.º 1, pp. 727-758.
- BIBERAUER, T. Semi pro-drop languages, expletives and expletive pro reconsidered. In T. Biberauer et al. (eds.) *Parametric Variation: null subjects in Minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 153-199, 2010.
- BORER, H. I-Subjects. *Linguistic Inquiry* 17, 1986, pp. 375-416.

BROCARD, M. T.; LOPES, C. R. dos S. Main morphosyntactic changes and grammaticalization processes, in: Wetzels, L.; COSTA, J.; Menuzzi, S.; (edd.), *Handbook of Portuguese Linguistics*, Hoboken, NJ, Wiley Blackwell, 2016b, pp 471-486.

CARDINALETTI, A; STARKE, M. The typology of structural deficiency: On the three grammatical classes. 24th Linguistic Symposium on Romance Languages. Los Angeles.

CHOMSKY, N. *Current issues in linguistic theory*. The Hague: Mouton. 1964.

_____. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.

_____. *Rules and representations*. Nova York: Columbia University Press.

_____. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. A minimalist program for linguistic theory. In: HALLE, K; KEYSER, S. J. (eds.). *The view from building 20: Essays in Linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: The MIT Press, 1993. pp. 1-52.

_____. *The minimalist program*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

_____. *Beyond explanatory adequacy*. Cambridge (MA): MIT, 2001.

CINTRA, L. F. «Os dialectos da ilha da Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses», in FRANCO, José Eduardo (coord.), *Cultura Madeirense. Temas e Problemas*, Porto, Campo das Letras, 2008. pp. 95-104.

COSTA, J.; FIGUEIREDO SILVA, M C. Os anos 1990 na gramática gerativa. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004. pp. 131- 164.

CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. [Trad. de Maria Carmelita Pádua Dias]

CYRINO, S.; DUARTE, M. E. L. & KATO, M. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. & NEGRÃO, E. (orgs.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject*. Frankfurt am Main: Vervuert Verlag, 2000. pp. 55-74.

D'Alessandro, R. The Null Subject Parameter: where are we and where are we headed? Ms. Leiden University, 1st draft, 2014. [Published in 2015 as “Null Subject”. In: Fábregas, A.; J. Mateu; M. Putnam (eds). *Contemporary Linguistic Parameters*. London: Bloomsbury Press, pp. 201-226.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I. & KATO M. (Org.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora. da UNICAMP, 1993. pp. 107-128.

_____. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/Unicamp, 1995.

_____. Sociolinguística “Paramétrica”. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JÚNIOR, C. *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2016, pp. 33-44.

_____. O sujeito nulo referencial no português brasileiro e no português europeu. In: I. ROBERTS; M. A. KATO; C. GALVES (orgs.) *Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp. 2019.

_____. A Sociolinguística “paramétrica”: desfazendo alguns equívocos. *GUAVIRA LETRAS*, v. 15, 2019, pp. 124-140.

DUARTE, M. E. L.; MOURÃO, G.; SANTOS, H. Os sujeitos de terceira pessoa: revisitando Duarte 1993. In: DUARTE, M. E. L. *O sujeito nulo em peças de teatro (1843-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 2012, pp. 21-44.

_____ e SOARES DA SILVA, H. Microparametric variation in Spanish and Portuguese: The null subject parameter and the role of the inflection paradigm. In: KATO, M.A.; ORDONEZ, F (ed.). *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America – Oxford studies in comparative syntax*. Oxford, Oxford University Press, 2016, pp. 1-26.

_____, REZENDE DOS REIS, E.P. Revisitando o Sujeito Pronominal Vinte Anos Depois. *ReVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, vol. 16, n.30, 2018. pp. 173-197. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/23f8c093cf2be398414c965bf05f8e75.pdf>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

GUIMARÃES, M. *Os Fundamentos da Teoria Linguística de Chomsky*. Petrópolis: Vozes. 2017.

HOLMBERG, A. Is there a little pro? Evidence from Finish. *Linguistic Inquiry* 36. 2005. pp. 533-564.

HOLMBERG, A.; NAYADU, A.; SHEEHAN, M. “Three partial null subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi”. *Studia Linguistica*, 63, 2009, pp. 59-97.

HUANG, J. On the distribution and reference of empty pronouns. *Linguistic Inquiry* 15, 1984. pp. 531–74.

JAEGGLI, O.; SAFIR, K. J. The Null Subject Parameter and Parametric Theory. In: _____. (orgs.). *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer, 1989. pp. 1- 44.

KATO, M. A. “Strong and weak pronominals in the Null Subject Parameter” *Probus*, 11. 1999. pp.1-37.

KAYNE, R. Extensions of Binding and Case-Marking. *Linguistic Inquiry* 11. 1980. pp. 75-96.

LOPES, C. R. S Vossa Mercê > você e VuestraMerced>usted: o percurso evolutivo ibérico. *LINGÜÍSTICA*, 14, 2002. pp. 173-190.

MARINS, J. *O Parâmetro do Sujeito Nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009

MARINS, J; SOARES DA SILVA, H. A representação do sujeito pronominal no grupo românico: espanhol e italiano em contraste com o português. *Caligrama – Revista de estudos Românicos*, v. 17, n.2, 2012, pp. 91-114.

PERLMUTTER, D. *Deep and surface constraints in syntax*. New York: Holt, Rinehart and Winston. 1971.

POLLOCK, J. Y. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20(3), 1989.

RAPOSO, E. P. *Teoria da Gramática: A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

RIZZI, L. *Issues in Italian syntax*. Dordrecht: Foris, 1982.

_____. Null objects in Italian and the theory of pro. *Linguistic Inquiry*, 15. 1986. pp. 501-57.

_____. *The new comparative syntax: principles and parameters of Universal Grammar*. 1988.

ROBERTS, I. *Verbs and Diachronic Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1993

_____.; HOLMBERG, A. Introduction: parameters in minimalist theory. In BIBERAUER, T. HOLMBERG, A. ROBERTS, I. & SHEEHAN, M. *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: CUP, 2010. pp. 1-57.

SAAB, A. On the notion of partial (non) pro-drop in Romance. In: M. A. Kato & F. Ordoñez (Eds.) *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America - Oxford studies in comparative syntax*. Oxford: Oxford University Press. 2016, pp. 49-77.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SOARES DA SILVA, H. *Evidências da mudança paramétrica em dados da língua-E: o sujeito pronominal no português e no espanhol*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

TARALDSEN, K.T. (1980) *On the Nominative Island Constraint, Vacuous Application and the ThatTrace Filter*. Indiana University Linguistics Circle. Bloomington: Indiana

TARALLO, F. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese (Doutorado), University of Pennsylvania, 1983.

_____. Por uma Sociolinguística Românica Paramétrica: Fonologia e Sintaxe. *Ensaio de Lingüística*, 13, 1987, pp. 51-84.

_____.; KATO, M. A. Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística. *Diadorim – Revista de Estudos Lingüísticos e Literários*. Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, UFRJ. vol. 2, 2007, pp.13-42. [1989] Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3849/2827>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. CORPORAPORT: *Variedades do Português em análise*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras-UFRJ. Disponível em: <www.corporaport.letas.ufrj.br> Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança Linguística*. Tradução de Marcos Bagno. SP: Parábola, 2006. [1.ed.ing.,1968]